

O menino que vendia minutos

written by Rosa Fonseca | 19 de Dezembro, 2025



No mercado moderno, onde cada esquina piscava com luzes e letreiros, as pessoas corriam como se o dia fosse uma mercadoria. Carregavam sacos, listas, telemóveis, mas pareciam ter esquecido o que fazer com o tempo.

O menino apareceu num desses dias. Ninguém se lembrava de quando tinha chegado, nem de onde vinha. Mas logo se percebeu que ele tinha algo que ninguém mais oferecia: minutos.

– Cinco minutos de calma, senhora. – Dez de lembrança, senhor.

As pessoas olhavam primeiro com desconfiança. Como se pudessem comprar minutos, como se fossem moedas. Mas, aos poucos, começaram a sentir o efeito. Uma senhora sentou-se no banco da praça e viu o riso do seu filho quando ainda era pequeno. Um homem parou diante da montra de um brinquedo que não compraria e sentiu o cheiro de neve da infância. Cada minuto comprado

não podia ser contado, nem guardado em sacos: só se sentia no coração.

O menino sorria, mas ninguém sabia se ele mesmo contava o tempo que dava. Nunca pedia dinheiro; aceitava apenas gestos: um sorriso, uma palavra, um olhar... A sua banca era improvisada – um velho tapete estendido sobre a calçada, algumas velas e um pequeno relógio que não marcava horas, apenas batidas suaves.

A cada dia que passava, mais pessoas paravam. Alguns vinham só para ver se ainda existia alguém capaz de oferecer aquilo que não se vendia no mercado. Outros vinham e compravam minutos aos montes, embrulhando-os como se fossem presentes. Ninguém sabia exatamente o que fazer com eles, mas todos sentiam-se mais leves, como se tivessem respirado por dentro.

O menino não envelhecia. Ou, pelo menos, ninguém notava. Mas, numa manhã de véspera de Natal, quando as luzes do mercado piscavam mais rápido e as vozes gritavam mais alto, ele olhou para o céu e suspirou.

– *É hora* – disse, para ninguém em particular.

E assim, o tempo veio buscá-lo. Uma brisa suave que cheirava a consoada e a neve enrolou-se à volta do tapete, e ele desapareceu, levando consigo o relógio silencioso e todos os minutos ainda por vender. Mas deixou um vestígio: quem tinha comprado minutos sentiu-os pulsar dentro de si, discretos, inesperados e reconfortantes.

Naquele Natal, ninguém correu tanto. As luzes pareceram menos ofuscantes, e o brilho mais verdadeiro estava nos gestos simples: na mão que se apertava, no abraço que se alongava, no silêncio que se tornou companhia. Quem comprara minutos sabia que não eram deles para gastar, mas para sentir, e que cada minuto valia mais do que qualquer presente embrulhado em papel brilhante.

E assim, o menino continuou a viver – fora do tempo do mercado, mas dentro do tempo de cada coração que aprendeu, ainda que por instantes, a escutar o ritmo do próprio ser.

Na manhã de Natal, algumas velas ainda tremeluziam no lugar onde ele estivera. E as pessoas, sem perceber, continuaram a abrir pacotes invisíveis: minutos de calma, lembranças antigas, segundos que valiam mais do que ouro.

Porque, naquele mercado moderno, alguém lhes ensinara que o tempo nunca é comprado – apenas sentido.